

PASSADO CONDICIONAL NO PORTUGUÊS: FORMAS E CONTEXTOS DE USO

Raquel Meister Ko Freitag*
Andréia Silva Araujo*

Resumo: Neste trabalho investigamos o uso e regularização das formas relacionadas à expressão do valor semântico-discursivo de passado condicional no português falado em Itabaiana/SE. Adotamos os pressupostos de análise sociofuncionalista, que lida com a emergência de formas (via gramaticalização) e a regularização do uso (via mudança linguística). Os resultados apontam para a tendência de especialização de formas em contextos de uso/funções, indiciando um processo de gramaticalização.

Palavras-chave: Passado condicional; gramaticalização; especialização; sociofuncionalismo.

Abstract: In this paper we investigate the use and regulation of forms associate at the expression of the semantic-discursive past conditional tense on spoken Portuguese in Itabaiana/SE. We follow the sociofuncionalist analysis that treats the emergence of forms (by grammaticalization) and regulating the use (by language change). The result points to the trend towards specialization of forms in certain contexts of use/function, indicating an incipience process of grammaticalization.

Keywords: Conditional past tense; grammaticalization; specialization; sociofuncionalist approach.

* Universidade Federal de Sergipe.

1. Introdução¹

O paradigma verbal do português atual vem passando por um processo de reorganização: estudos apontam para a emergência de formas perifrásticas para suprir valores no domínio do futuro, assim como a mudança semântica de formas verbais para expressarem valores de outros domínios, como a forma de presente do indicativo e pretérito perfeito (OLIVEIRA, 2006; COAN, 1997; FREITAG, 2007; COSTA, 1997, entre outros). Assumindo a hipótese de Fleischman (1982), as mudanças que vem ocorrendo no paradigma verbal do português podem ser explicadas por um processo cíclico de mudança, desencadeado na passagem do latim às línguas românicas. No latim, o paradigma verbal era estruturado em torno do eixo do aspecto (*infectum* e *perfectum*), o qual era marcado morfológicamente; na passagem às línguas românicas, esta distinção morfológica foi perdida. Como aponta Câmara Jr. (1975), o paradigma verbal português foi estruturado na oposição temporal simples (presente e passado) e posteriormente emergiram as formas perifrásticas para a codificação dos valores de futuro e de modalidade: interessa-nos, especificamente, a forma conhecida no português como *futuro do pretérito*.

Derivada da construção V no infinitivo + *habere* no imperfeito do indicativo (*amare habebam* > *amaria*), a forma de *futuro do pretérito*, hoje, é canonicamente associada ao valor de futuridade no passado.² Por efeitos do uso, a forma passou por

¹ Este trabalho apresenta resultados do projeto “Variação na expressão do tempo verbal passado na fala e escrita de Itabaiana/SE: funções e formas concorrentes”, financiado pela FAPITEC (Edital FAPITEC/FUNTEC-SE Universal 06/2009 Processo n. 019.203.00910/2009-0) e CNPq (Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES 02/2010 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas Processo n. 401564/2010-0). Agradecemos pelos comentários atenciosos e colaborativos dos pareceristas deste artigo.

² Este é o valor prototípico/canônico apresentado nos compêndios gramaticais normativos (cf. BECHARA, 2003; CUNHA & CINTRA, 1985).

desgastes e amalgamação: *amare babebam* > *amarabéam* > *amaréam* > *amaria*. Fleischman (1982) sugere um contínuo cíclico para a evolução das formas de futuro românico: formas sintéticas e analíticas do indo-europeu > formas sintéticas do latim clássico > formas analíticas do latim vulgar > formas sintéticas das línguas românicas > formas analíticas das línguas românicas modernas. No português, assim como nas demais línguas românicas, a forma de *futuro do pretérito* é polissêmica, transitando entre valores relacionados ao domínio do tempo e da modalidade, tais como o valor de futuro do passado, os valores de polidez e o valor de condicionalidade, sendo este último o foco específico deste trabalho.

O valor de condicionalidade, por sua vez, pode ser expresso por mais de uma forma verbal no português: além da forma de *futuro do pretérito* – FP –, as formas de *pretérito imperfeito* – IMP – e as formas perifrásticas emergentes – IA+V e IRIA+V – também podem expressar este valor semântico-discursivo. Vejamos os exemplos (1) e (2), extraídos da amostra de fala de Itabaiana/SE:

- (1) Se fosse do meu real prazer mesmo eu *faria* geografia (GELINS/se ita mb lq 01)³
- (2) Se a prova trouxesse questões desse tipo questões relacionadas ao dia-a-dia das pessoas questões problemas... todos os professores... de escolas particulares *iam se adaptar* também iam começar a explicar mais isso né? (GELINS/se ita mb sq 09)

³ Os dados foram retirados da amostra *Entrevistas Sociolinguísticas* (CAAE-0301.0.107.000-11), constituída por 20 entrevistas de falantes universitários da cidade de Itabaiana/SE, estratificadas quanto ao sexo, do Banco de Dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS. A sigla ao final identifica o informante. Os itálicos nos excertos destacam as formas verbais sob análise.

Em (1), o verbo *faria* (FP) expressa uma situação posterior ao momento de fala, dando projeção de futuro, ancorado em um momento de referência no passado, sinalizado pela forma verbal de pretérito imperfeito do subjuntivo *se fosse*, que representa uma condição para que o momento do evento se realize. O mesmo arranjo semântico-discursivo ocorre em (2), porém codificado pela forma perifrástica IA+V. Embora tenha sido usada em (1) a forma de FP e em (2) a forma perifrástica, também poderiam ser utilizadas as formas de IMP e de IRIA+V, respectivamente, sem que houvesse mudança de valor semântico-discursivo, como podemos observar nos mesmos contextos, reescritos por nós em (3) e (4):

- (3) Se fosse do meu real prazer mesmo eu *fazia* geografia⁴
- (4) Se a prova trouxesse questões desse tipo questões relacionadas ao dia-a-dia das pessoas questões problemas... todos os professores... de escolas particulares *iriam* se *adaptar* também iam começar a explicar mais isso né?

Os quatro exemplos acima representam um contexto de variação, fenômeno já atestado nas gramáticas normativas (BECHARA, 2003; CUNHA & CINTRA, 1985, entre outros) e que vem merecendo atenção e estudo no português brasileiro (COSTA, 1997, 2003; SILVA, 1998; KARAM, 2000; CAMARA, 2002; BARBOSA, 2005; DIAS, 2007; MARINE & BARBOSA, 2008; FONSECA, 2010, entre outros). Dando prosseguimento a esta linha de estudo e buscando verificar de que modo o contínuo cíclico proposto por Fleischman (1982) se implementa no português brasileiro, neste trabalho apresentamos resultados de uma investigação que foca

⁴ A opção por nossa paráfrase das ocorrências deve-se à: (i) manutenção do mesmo verbo, a fim de preservar o par mínimo semântico, expediente usado em Freitag (2007); e (ii) baixa recorrência do fenômeno na amostra analisada, não permitindo o recurso do par mínimo semântico nos dados reais. Tal recurso, entretanto, não invalida uma análise variacionista, sendo expediente em estudos de fenômenos em níveis gramaticais mais altos, além da fonologia.

o uso e a regularização das formas relacionadas à expressão do valor semântico-discursivo de passado condicional no português falado em Itabaiana/SE. Adotamos os pressupostos de análise sociofuncionalista (NARO & BRAGA, 2001; TAVARES, 2003), que lida com a emergência de formas (via gramaticalização) e a regularização do uso (via mudança linguística, na acepção de Labov (2008 [1972])).

As trajetórias de mudança pressupõem estágios de menor estabilidade do sistema, na medida em que ocorre a sobreposição de funções para uma mesma forma e/ou a sobreposição de formas para o desempenho de uma mesma função. A análise empírica de fenômenos de mudança, em diferentes níveis gramaticais, tem promovido reflexões sobre o quadro teórico (ou teorias) de gramaticalização, apontando os limites e limitações do modelo e a busca de abordagens de interface. Se, num primeiro momento, os estudos de gramaticalização focavam o delineamento da trajetória de mudança de um item/construção (forma), atualmente o domínio funcional (função) tem sido elevado também a objeto de análise. No domínio das categorias verbais, esta abordagem vem se mostrando produtiva, evidenciando a necessidade de mais estudos, a fim de aprimorar o modelo. É neste quadro geral que o presente estudo se insere. Inicialmente, descrevemos o valor semântico-discursivo em estudo – o passado condicional –, elencando os resultados de estudos descritivos. A partir desta descrição, procedemos a uma análise quantitativa em amostra da fala de Itabaiana/SE a fim de verificar a correlação entre formas e contextos de uso, buscando nesta correlação indícios de gramaticalização do passado condicional no português falado.

2. O passado condicional em português

No português e nas demais línguas românicas, a forma de futuro do pretérito recobre uma gama de valores, desde os estritamente relacionados ao arranjo temporal (um passado que

é visto em perspectiva futura em relação a outro evento passado) até os de base modal.

Formado pelo marcador de futuro *-er* e pela morfologia do imperfeito, no francês o condicional apresenta, além do valor de “futuro do passado”, como em (5), usos não-temporais, como a expressão de dúvida, em (6), ou de evidência de informação, em (7), além de atenuar asserções como em (8), exemplificados a seguir com dados de De Mulder (2010, p. 160-161):

- (5) Il declara qu'il ne *reviendrait* pas.
- (6) *Seriez* vous devenu psychologue, lieutenant?
- (7) Le roi *serait* mort.
- (8) Vous *devriez* consulter un médecin.

De Mulder (2010) diz que há divergências na classificação do condicional quanto a ser um tempo ou um modo à parte dos modos indicativo, subjuntivo e imperativo. Os argumentos que De Mulder apresenta para classificar o condicional como tempo verbal são o fato de que ele ocorre nos mesmos contextos que o indicativo e de que outros tempos, como o futuro e o imperfeito, também apresentam outros valores não-temporais, mas nem por isso são classificados como um modo verbal à parte.

Da mesma maneira, no espanhol, o condicional (e o condicional perfeito), também formado a partir da morfologia do imperfeito, é predominantemente classificado como um tempo verbal, conforme aponta Laca (2010, p. 218), por este ser o uso mais produtivo. A autora, entretanto, destaca que os usos temporais e de modalidade são muito bem definidos: no valor de futuro do passado, o condicional tem um comportamento de um tempo anafórico, que requisita uma situação passada ancorada que dá suporte a um verbo de pensamento ou *dicendi*, configurando o que se denomina de condicional evidencial/citativo, como em (9):

- (9) Pensó/afirmó que *llovería*.

Outro uso temporal destacado por Laca (2010) é o que a autora diz ser equivalente ao futuro perfeito em contextos de conjectura, como em (10):

(10) No vino a la fiesta. *Estaría/Habrà estado* enfermo.

Os usos de modalidade do condicional são licenciados por ambientes caracterizados com o traço de modalidade, compreendendo verbos modais, como em (11), verbos de desejo ou preferência, como em (12), e a consequência de uma situação contrafactual ou hipotética de orações condicionais, como em (13), exemplificados a seguir com dados de Laca (2010, p. 219):

(11) *Podrías/Tendrías* que prestar atención.

(12) *Querría/Preferiría/Me gustaría* que prestaras atención.

(13) Se te importara, *prestarías* atención.

Estes usos são caracterizados semanticamente, conforme Laca (2010), por não requisitarem a totalidade realística de base modal do condicional; o modo condicional, então, requer que um conjunto de mundos alternativos esteja disponível. As bases não-realísticas do uso modal, no espanhol, resultam em interpretações contrafactuais envolvendo possibilidades e desejos não realizados, o que caracterizaria o “modo condicional”.

Também da mesma maneira que o espanhol, o catalão apresenta em seu paradigma verbal o condicional e o condicional perfeito, ambos constituídos a partir da morfologia do imperfeito. Quer (2010, p. 232) diz que, na forma mais difundida, o condicional tem valor relacionado à modalidade e pode se alternar com o pretérito imperfeito (como no português), com valor de polidez; o uso temporal, com valor de futuro do passado, se mantém em contextos de fala reportada. Um uso mais formal do condicional é como marcador de evidencialidade, em contextos em que se quer marcar/clarear a origem da informação, como em (14), exemplificado a seguir com dado de Quer (2010, p. 235):

(14) L'atracador *hauria* marxat a peu.

No paradigma verbal do italiano, o condicional é um modo. Squartini (2010, p. 249) destaca que seus usos não se restringem aos valores de modalidade: não-factualidade, evidencialidade e futuro do passado também são associados a esta forma verbal.

Como vimos, nas línguas românicas, o valor condicional é derivado do pretérito imperfeito (inclusive variando com esta forma em alguns contextos, como no catalão e no português) e oscila entre um modo e um tempo verbal. A Nomenclatura Gramatical Brasileira, de 1958, aboliu o uso do termo *condicional* para referir-se à forma de futuro do pretérito; já a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, de 1967, prevê um modo verbal denominado *condicional*. De Mulder (2010) e Laca (2010) apontam haver divergências entre os gramáticos quanto à classificação do condicional no espanhol e no francês, se como um tempo ou como um modo verbal, dado que em ambas as línguas a forma desempenha valores relacionados tanto ao tempo quanto à modalidade. Por estar associado à irrealidade, codificando valores de desejo, intenção, vontade, os quais estão relacionados à categoria da modalidade, Câmara Jr. (1967, p. 171) destaca que “a preferência do termo *condicional do indicativo* para se referir às formas verbais terminadas em *-ria* demonstra a inclinação pelas características peculiares de um modo de realização do processo verbal, e, não, do tempo da sua ocorrência”.

No português, o valor mais saliente está relacionado à modalidade, à condição, dado que “o valor condicional, ao contrário do futuro, inscreve o processo em um vir a ser carregado de incertezas. Por sua natureza, o condicional não concebe além da conjectura: a realização ou não de algo não lhe é pertinente” (CORÔA, 2005, p. 57). Logo, o valor condicional é caracterizado por apresentar uma situação possível de acontecer sob uma determinada condição, ou seja, por apresentar a situação como possível de ocorrer somente se uma determinada condição for firmada ou satisfeita. De acordo com Neves (1999, p. 497), “dentro de uma construção condicional a proposição subordinada é

tradicionalmente chamada prótase e a principal é chamada apódose”. Canonicamente, a ordem da construção condicional é prótase (entidade p) + apódose (entidade q), em que a relação que se instaura entre p e q é “do tipo condição para realização – consequência/resultado da resolução da condição enunciada” (NEVES, 1999, p. 497). Dizemos que esta é a ordem canônica por ser a mais prototípica para expressar o valor condicional. Vejamos os exemplos (15)-(16):

(15) E eu acho pelo fato de eu não trabalhar no colégio me deu mais trabalho... porque *se eu trabalhasse no colégio eu já estaria ali...* (GELINS/se ita fp lq 04)

(16) Não estariam onde estão... *se eles não não... fossem ruim* (GELINS/se ita mb lq 01)

Em (15), a construção *se eu trabalhasse no colégio* é a condição para que o evento expresso pelo verbo *estaria* aconteça. Na construção em itálico, temos uma premissa hipotética (prótase) que possibilita a realização do evento (apódose); temos, assim, uma relação de condição + consequência. Já em (16), a construção condicional está na ordem inversa: primeiramente, temos a apódose – *estariam* – seguida da prótase – *se eles não não... fossem ruim* – portanto, ordem não-canônica. Às vezes, a prótase – condição para que o evento aconteça – pode não vir marcada textualmente, como em: “Você *seria* capaz de perdoar o Pedro?”. Observa-se, neste exemplo, que a condição não é dada explicitamente, mas pode ser inferida pelo contexto. Uma das possíveis condições que poderiam estar pressupostas neste contexto é: “*se eu lhe pedisse*”.

O valor condicional, no português, pode ser codificado por várias formas verbais, tais como a de presente do indicativo (“Caso melhore da gripe, *vamos* para a casa da sua tia amanhã”), futuro do presente (“Mesmo se eu não passar no concurso, *irei* para a festa da Renata”), pretérito mais-que-perfeito (“Se Maria Eduarda tivesse ficado quieta, ela não *teria machucado/tinha machucado* o pé”), entre outras. No entanto, neste estudo,

estamos interessados em analisar um valor específico, o que estamos denominando de *passado condicional*. A noção de passado condicional pode ser codificada no português por, pelo menos, duas formas: pelo futuro do pretérito (FP), forma canônica, e pelo pretérito imperfeito (IMP) - há ainda as formas perifrásticas com IMP e FP e auxiliar *ir*.

O FP é caracterizado por indicar uma situação (ME) possível de acontecer posteriormente ao momento de fala (MF) em relação a um ponto de referência passado (MR). De acordo com Côroa (2005, p. 11), o FP pode ser representado pela seguinte notação: MR – MF – ME, em que o traço indica precedência temporal.

Já o IMP é caracterizado, temporalmente, por expressar uma situação que ocorreu no passado, simultaneamente a um ponto de referência também no passado e, ambos anteriores ao momento de fala, o qual pode ser representado com a seguinte notação: ME, MR – MF (em que a vírgula representa simultaneidade temporal e o traço precedência temporal) – o ME é simultâneo ao MR e ambos são anteriores ao MF, valor temporal prototipicamente associado ao pretérito imperfeito. No entanto, IMP pode ser utilizado em contextos que expressam condicionalidade. Vejamos o exemplo (17):

- (17) Então hoje em dia *se eu tivesse que fazer um novo curso eu faria* um curso nessa área... nessa aérea de construção... (se ita mb sq 09)

Em (17), *faria* expressa uma situação posterior ao momento de fala, dando projeção de futuro ancorado em momento de referência no passado, pelo uso da forma verbal de pretérito perfeito do subjuntivo *se eu tivesse*, que representa uma condição para que o momento do evento se realize. Neste contexto, portanto, a função expressa pela forma de FP é de passado condicional. Embora tenha sido utilizada a forma de FP para expressar passado condicional, a forma de IMP também poderia ocorrer neste contexto, para desempenhar a mesma função, como em (18):

- (18) *Se você se formou se eu me formasse e visse que não que eu não dava pra ensinar que não era o meu ramo... eu não faria... eu não exercia a profissão melhor dizendo (GELINS/se ita fp sq 02)*

Já em (19) e (20), as formas perifrásticas são utilizadas em contextos de condicionalidade, contextos em que a forma canônica seria FP, evidenciando a possibilidade de alternância com as formas perifrásticas:

- (19) *Se nós fôssemos estudar em São Cristóvão iríamos enfrentar uma viagem de uma hora para irmos e uma hora para voltarmos que iria dificultar um pouco... mas acho que teria condições sim (GELINS/se ita fp lq 09)*
- (20) *se eu dissesse mainha amanhã eu vou trancar minha faculdade... não vou mais estudar... eles não iam incentivar eu continuar estudando (GELINS/se ita fp lq 11)*

Tais possibilidades de variação entre as formas de FP, IMP, IA+V e IRIA+V já foram objeto de estudo sob a ótica variacionista. Costa (1997) analisou a variação entre FP e IMP no domínio da modalidade *irrealis*⁵ no português informal do Rio de Janeiro. Segundo a autora, os resultados evidenciaram que o tipo de verbo (traço semântico-cognitivo) exerce forte influência na variação entre as formas: IA+V e IRIA+V são inibidas em bases verbais modais para evitar redundância, uma vez que estas formas (as bases verbais modais) já carregariam semanticamente o valor de modalidade. Costa (1997) constatou também que a forma de IMP é mais recorrente em verbos modais, principalmente se estes

⁵ Givón (2001) distingue a modalidade em *realis* e *irrealis*: a primeira é expressa quando o falante toma uma proposição fortemente assertada frente ao fato, verdade factual; já a segunda é expressa quando o falante toma uma proposição assertada como sendo possível, provável ou incerta, ou seja, esta noção está relacionada ao afastamento da realidade. Segundo Costa (2005, p. 941), a noção de *irrealis* tanto “pode se projetar num tempo futuro, passado, ou se referir a uma irrealidade atemporal (hipótese impossível em qualquer tempo)”.

apresentarem valor epistêmico (eventualidade, probabilidade, possibilidade). Já a forma de FP está relacionada à expressão de valor deôntico. Seus resultados evidenciaram que o tipo de sequência discursiva também influencia na escolha das formas: IMP tende a ser utilizado em contextos narrativos, ainda que significando *irrealis*, enquanto FP tende a ser utilizado em contextos argumentativos. Posteriormente, Costa (2003) investigou se a variante IA+V está ganhando espaço progressivamente na língua portuguesa, via gramaticalização. Seu estudo evidencia que o princípio do paralelismo é atuante na escolha das formas: os resultados apontaram que, nas ocorrências que figuram em série, a escolha da variante tende ser influenciada pela forma precedente e, quanto ao tipo de registro, o paralelismo é mais atuante na amostra de língua falada do que nos textos teatrais. Tal resultado indica, segundo a autora, que o paralelismo está associado, possivelmente, “a um discurso menos planejado”, o que evidenciaria, ainda segundo a autora, que o paralelismo é “um fator mais ligado ao processamento linguístico” (COSTA, 2003, p. 136).

Camara (2002) analisou a variação do uso do IMP e do FP no discurso oral em contextos em que apresentam a ideia de possibilidade. Seus resultados apontam que os jovens tendem a usar mais a forma de IMP para expressar a possibilidade; em contraponto, com aumento da idade, a forma de FP é mais frequente. O mesmo ocorre com o fator escolaridade: quanto maior o nível de escolaridade, mais o falante tende a usar a forma de FP.

Barbosa (2005) tratou também da variação entre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo, só que em orações condicionais iniciadas por *se*. Seus resultados apontam que: (i) os indivíduos de classe baixa e de faixa etária acima de 45 anos são os que mais usam a forma de IMP; (ii) o tamanho pequeno da oração não favorece o emprego de nenhuma das formas controladas, já o tamanho grande pode favorecer o emprego do FP nos contextos analisados; (iii) a ocorrência das duas formas no *corpus* em análise é frequente na ordem canônica da sentença; e (iv) o paralelismo formal favorece o emprego do IMP.

Dias (2007) realizou também um estudo sobre a variação de FP e IMP no português oral de Fortaleza/CE, controlando os seguintes fatores: ordem (iconicidade), tipo de verbo, graus de certeza (modalidade), estrutura temporal, tipo de inquerito, forma simples ou construções perifrásticas e sexo. Apenas os fatores ordem (iconicidade) e tipo de inquerito foram significativos em sua análise.

Outros estudos que focam o domínio da condicionalidade (TRAVAGLIA, 1999) ou da futuridade em perífrases com o verbo *ir* – e dentre elas as formas perifrásticas de passado condicional – (GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006; FERREIRA, 2007; MARTINE; BARBOSA, 2008; FONSECA, 2010, entre outros) refletem os resultados obtidos pelos estudos específicos da variação entre as formas de expressão de passado condicional em português.

Por fim, convém destacar o estudo de Rebello (2005), cujo foco foi o tratamento dado ao emprego da forma de IMP pelo FP nas gramáticas e manuais de português brasileiro para estrangeiros. Os resultados do estudo levaram a autora a concluir que é necessário realizar estudos mais aprofundados sobre o fenômeno pelo fato de este ainda não ser tratado de forma clara e sistemática para que os aprendizes de português como segunda língua possam utilizar estas formas de maneira consciente e segura.

Como pudemos observar, os estudos já realizados acerca da variação na expressão do passado condicional em português convergem quanto aos fatores linguísticos, especialmente no que tange ao paralelismo formal. Os resultados referentes aos fatores sociais, no entanto, são aparentemente aleatórios, possivelmente devido à diversificação das amostras controladas (tanto quanto às variedades do português quanto aos critérios de constituição das células sociais). Fazem-se necessários, então, mais estudos acerca do fenômeno, contemplando diferentes variedades do português e diferentes perfis sociais. O presente trabalho vem a contribuir para elucidar esta questão, focando a variedade linguística falada na cidade de Itabaiana/SE por jovens universitários. Na seção a seguir, explicitamos os procedimentos de análise quantitativa e seus resultados.

3. A variação na expressão do passado condicional na fala de Itabaiana/SE

Seguindo a metodologia da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]), foram utilizadas na análise 20 entrevistas da amostra *Entrevistas Sociolinguísticas*, a fim de investigar a variação entre as formas de FP, IMP e as formas perifrásticas inovadoras (IA+V e IRIA+V) na expressão do valor de passado condicional na fala de Itabaiana/SE. Foram desconsideradas da análise as ocorrências de passado condicional em que o verbo auxiliar das construções perifrásticas não era o verbo *ir*, tais como *poder*, *querer* e *gostar*. Os dados coletados e codificados do *corpus* em estudo foram submetidos à análise estatística do programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005).

Foram computadas 93 ocorrências, assim distribuídas: 65 de FP, 10 de IMP, 11 de IA+V e 7 de IRIA+V. Dada a baixa recorrência do fenômeno na amostra analisada, realizamos rodadas estatísticas considerando dois cenários: (i) a amalgamação de IMP e IA+V e a amalgamação de FP e IRIA+V; (ii) a amalgamação das formas perifrásticas (IA+V e IRIA+V) *vs.* as formas FP e IMP. O segundo cenário mostrou-se estatisticamente mais significativo, com a seleção do fator paralelismo formal (na outra rodada, nenhum fator mostrou-se estatisticamente significativo), motivo pelo qual optamos por amalgamá-las, resultado na distribuição do Gráfico 1:

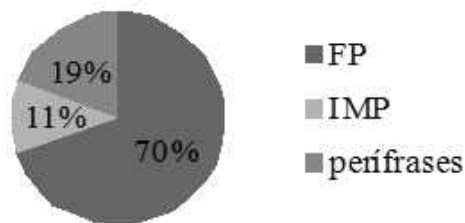


GRÁFICO 1: Distribuição das ocorrências após a amalgamação das formas verbais IA+V e IRIA+V

A forma canônica – FP – é a mais recorrente na amostra de fala de informantes com nível superior sob análise. Vejamos, na sequência, os efeitos dos fatores controlados, a fim de averiguarmos a correlação entre formas e contextos de uso.

3.1. Paralelismo

O paralelismo tem se mostrado um fator significativo em investigações variacionistas que focam a semântica de verbos (COSTA, 1997, 2003; BARBOSA, 2005; OLIVEIRA, 2006). Este princípio, segundo Costa (2003, p. 82), “pode ser definido como a tendência a repetição da mesma variante em ocasiões nas quais os dados figuram em cadeia”. A ocorrência de formas em cadeia pode acontecer de duas maneiras: dentro do próprio discurso do informante ou no discurso do interlocutor, o que é denominado *efeito gatilho*: “a forma presente na fala do interlocutor ‘engatilha’ um uso que pode ou não ser repetido na fala do informante” (OLIVEIRA, 2006, p 119). O exemplo (21) ilustra a atuação do paralelismo no corpus sob análise:

(21) E: Se você pudesse voltar no tempo você faria a mesma coisa, ou *mudaria* alguma coisa?

F: Assim não *mudaria* muita coisa... mas me esforçaria, iria me dedicar mais talvez eu tenha sido falha em algum momento sei que somos seres humanos né? Mas não mudaria muita coisa não porque o que vale é a gente não a gente demonstrar pros outros como ser melhor porque ninguém é melhor do que ninguém... é não mudaria muita coisa não... só me *esforçaria* mais... como eu falei média cinco entendeu? me *esforçaria* pra ter currículo melhor... mas outra coisa não (GELINS/se ita fp lq 15)

Em (21), a forma verbal *mudaria* utilizada pelo entrevistador se manteve na fala do informante. Tal caso constituiu-se como uma ocorrência de paralelismo por meio do efeito gatilho, ou seja, o uso de *mudaria* na fala do entrevistador engatilha o seu uso na fala do entrevistado. Ainda em (21), a forma verbal

esforçaria se repete na própria fala do informante: temos, portanto um caso de paralelismo em cadeia dentro da própria fala do informante. Para controlarmos o princípio do paralelismo em nossa pesquisa adotamos a proposta de Costa (2003) com algumas adaptações, apresentada no Quadro 1:

QUADRO 1
Controle do fator *paralelismo*

Ocorrência isolada (e sem gatilho que a preceda) ou 1ª da série	Ocorrência precedida de FP na própria fala ou na fala do interlocutor
<p>(22) E: Você falou em um momento da entrevista que priorizou muito o seu trabalho e não o curso você se arrependeu?</p> <p>F: Se eu pudesse fazer um novo curso eu <i>faria</i> diferente no sentido de priorizar mais o conhecimento e dessa forma aproveitar mais o que o curso tem a oferecer (GELINS/se ita mb sq 06)</p>	<p>(23) E: Crislaine se você ganhasse na mega sena hoje o que você <i>faria</i> com tanto dinheiro?</p> <p>F: Sei lá... não tenho a mínima ideia do que eu <i>faria</i>... primeiro iria fazer uma casa mais confortável para minha mãe... para ela parar de trabalhar com certeza (GELINS/se ita fp lq 09)</p>
Ocorrência precedida de IMP na própria fala ou na fala do interlocutor	Ocorrência precedida de IA+V ou IRIA+V na própria fala ou na fala do interlocutor
<p>(24) Se eu me formasse e visse que não que eu não <i>dava</i> pra ensinar que não <i>era</i> o meu ramo... eu não <i>faria</i>... eu não exercia a profissão melhor dizendo (GELINS/se ita fp sq 02)</p>	<p>(25) Porque nós gastamos vinte minutos de viagem daqui para Itabaiana... só são dezesseis quilômetros e se nós fôssemos estudar em São Cristóvão iríamos enfrentar uma viagem de uma hora para irmos e uma hora para voltarmos que <i>iria dificultar</i> um pouco... mas acho que <i>teria</i> condições sim (GELINS/se ita fp lq 09)</p>

Os resultados na Tabela 1 abaixo confirmam o efeito do paralelismo na variação na expressão do passado condicional também na amostra da fala de Itabaiana/SE. Dos 30 contextos do fenômeno de passado condicional precedidos de FP, 27 ocorreram com a forma de FP, o que corresponde a 90% de paralelismo. No caso dos contextos do fenômeno em estudo precedidos de IMP, foram contabilizadas 17 ocorrências, sendo que em 8 (47,1%) tivemos o efeito do paralelismo. Por fim, os contextos de passado

condicional precedidos de IA+V ou IRIA+V apresentaram 5 casos na amostra, dos quais 3 (60%) apareceram antes das formas perifrásticas.

TABELA 1

Influência do princípio do paralelismo na atuação das variantes na expressão do passado condicional

Formas	FP		IMP		Perifrásticas		Total	
	Aplic./total	%	Aplic./total	%	Aplic./total	%	N	%
Paralelismo								
Isolada ou 1ª da série	32/41	78,0	2/41	4,9	7/41	17,1	41	44,1
Precedida de FP	27/30	90,0	0/30	-	3/30	10,0	30	32,2
Precedida de IMP	4/17	23,5	8/17	47,1	5/17	29,4	17	18,3
Precedida de IA+V ou IRIA+V	2/5	40,0	0/5	-	3/5	60,0	5	5,4
Total	65/93	69,8	10/93	10,8	18/93	19,4	93	100

Os resultados foram refinados com uma nova amalgamação, considerando a oposição binária entre *forma canônica* (FP) *vs.* *formas não-canônicas* (IMP, IA+V e IRIA+V), arranjo no qual o fator paralelismo foi selecionado como estatisticamente significativo, conforme a Tabela 2:⁶

TABELA 2

Atuação do paralelismo em função da forma canônica na expressão do passado condicional

Paralelismo	Aplic./total	%	Peso relativo
Isolada ou 1ª da série	32/41	78,0	0,58
Precedida de FP	27/30	90,0	0,72
Precedida de IMP	4/17	23,5	0,11
Precedida de IA+V ou IRIA+V	2/5	40,0	0,21
Total (Input 0,698; Log likelihood= -57.712)	65/93	69,8	

⁶ A opção pela oposição entre FP como forma canônica *vs.* as demais formas (inclusive IMP) se dá pelos indícios apontados por Camara (2002) de que a escolarização (e por tabela o papel normativo) influencia a ocorrência do fenômeno.

Na Tabela 2, com a distribuição binária das ocorrências em função da forma canônica, é possível perceber mais claramente a atuação do paralelismo no uso das variantes na expressão do passado condicional: quando as formas variantes são utilizadas em contextos de ocorrência isolada, a forma favorecida é a de FP, computando 78% das ocorrências e peso relativo de 0,58; quando as formas não-canônicas ocorrem em contexto de passado condicional precedido de FP, a forma canônica, FP, também é favorecida com 90% e peso relativo de 0,72. Já quando as formas variantes incidem em contexto de passado condicional precedido de IMP ou perífrases, a forma canônica é desfavorecida, com 23,5% e peso relativo de 0,11 para IMP e 40% e peso relativo de 0,21 para IA+V e IRIA+V.

A partir dos resultados apresentados, concluímos que, quando os contextos de passado condicional são precedidos por FP, IMP ou pelas formas perifrásticas, há uma tendência à repetição da mesma variante, havendo, assim, o efeito do paralelismo; já quando não há, ou seja, em contextos de ocorrência isolada, a forma favorecida é o FP. Tal resultado corrobora o princípio do paralelismo – o uso de uma forma verbal tende a levar ao uso da mesma forma na sequência –, seguindo a tendência do resultado obtido por Costa (2003), para quem o paralelismo foi também um grupo de fatores selecionado estatisticamente.

3.2. Ambiente sintático-semântico

O tipo de ambiente sintático-semântico é um fator relevante em análises variacionistas de categorias verbais, e, por conseguinte, é possível que se mostre atuante na expressão do passado condicional. Com este fator, verificamos a influência da posição sintática da prótase em relação apódose na escolha das variantes controladas. Como vimos, na construção condicional a oração subordinada é chamada de prótase e a oração principal de apódose (NEVES, 1999). Este fator pode ser relacionado ao princípio da iconicidade (GIVÓN, 2001): a ordem prótase +

apódose é a mais frequente, chamada tradicionalmente de ordem canônica, ou seja, é a ordem natural de apresentação da construção condicional – condição + consequência – sendo, portanto, icônica. Já quando a condicional vem na ordem inversa – apódose + prótase – tem-se a não-icônica.

Para controlarmos o tipo de ambiente sintático-semântico em que ocorre a variação na expressão do passado condicional, adaptamos a proposta de Costa (2003), que controlou seis fatores: (i) período hipotético na ordem canônica: prótase + apódose; (ii) período hipotético em ordem inversa: apódose + prótase; (iii) oração encaixada em discurso indireto (complemento de verbo *dicendi*); (iv) oração encaixada com prótase co-ocorrente; (v) outras encaixadas; (vi) oração independente. Em nossa pesquisa controlamos apenas quatro fatores dos propostos por Costa (2003), apresentados e exemplificados a seguir:

- (26) Se eu pudesse fazer um novo curso eu *faria* diferente no sentido de priorizar mais o conhecimento (GELINS/se ita mb sq 06)
- (27) Eles são ótimos porque não *estariam* onde estão... se eles não não...fossem ruim (GELINS/se ita mb lq 01)
- (28) No final o professor deu nota... tinha alguns meninos lá no dia que... ficavam saindo da sala pra assistir outras salas... eu queria dar nota quatro pra eles já que a feirinha valia cinco... mas o professor assim o professor até questionou né? que podia alguns alunos ficar reclamando “ah por que você deu nota alguém... e deu nota a fulano... de tal e a cicrano tal deu outra por que não sei o quê” aí resolvemos dar nota quatro a todo mundo sendo que alguns não mereciam nota quatro... mas pra não ficar essa conversinha... se um dia eu for professora eu não vou fazer isso... mas como ele achava que *ia dar* problema sei lá... achei melhor assim... entendeu? (GELINS/se ita fp lq 03)

- (29) Se eu visse que alguma parte do que eu fiz não era o certo eu acho que eu *mudaria* até encontrar aquele ponto porque eu não vou mentir acho isso horrível me dá dor de cabeça (GELINS/se ita fp lq 07)

Em (26), temos um contexto de período hipotético na ordem canônica: prótase + apódose: a condição *Se eu pudesse fazer um novo curso* vem antes da consequência *eu faria diferente*. Já em (27), ocorre exatamente o contrário, pois temos, neste caso, um contexto de período hipotético em ordem inversa – apódose + prótase: a condição *se eles não não... fossem ruim* vem depois da consequência *eles são ótimos porque não estariam onde estão...* Na situação descrita em (28), temos um contexto de oração independente (oração com a condição implícita). De acordo com Costa (2003, p. 92), “os dados coletados em orações independentes surgem em um contexto em que a irrealidade não é apresentada por uma hipótese formulada explicitamente através de uma oração condicionante (prótase)”. A condição pode estar implícita no contexto e ser facilmente recuperada, como em (28), em que recuperamos a condição *se tivesse dado notas diferentes*. A condição pode também ser identificada através da própria marca-*ria*, que pode vir na fala do entrevistador ou a própria variante exerce esta tarefa. Em (29), temos um exemplo de oração encaixada com prótase co-ocorrente, dada a presença tanto da condição quanto da oração encaixada.

Partimos da hipótese de que a ordem em que o período hipotético aparece influencia na escolha da variante: a ordem icônica favorece a ocorrência de IMP para assegurar o valor de condicionalidade e a ordem não-icônica a inibe, favorecendo o uso de FP. Vejamos na Tabela 3 os resultados obtidos:

TABELA 3
Influência do ambiente sintático-semântico na variação da expressão do passado condicional

Ambiente sintático-semântico	Formas		FP		IMP		Perifrásticas		Total	
	Aplic./total	%	Aplic./total	%	Aplic./total	%	Aplic./total	%	N	%
Ordem prótase + apódose	31/49	63,2	4/49	8,2	14/49	28,6	49	52,7		
Ordem apódose + prótase	3/3	100	0/3	-	0/3	-	3	3,2		
Oração independente (implícita)	25/29	86,2	2/29	6,9	2/29	6,9	29	31,2		
Oração encaixada com prótase co-ocorrente	6/12	50,0	4/12	33,3	2/12	16,7	12	12,9		
Total	65/93	69,8	10/93	10,8	18/93	19,4	93	100		

Das 93 ocorrências de passado condicional presentes na amostra analisada, 49 foram em período hipotético na ordem prótase + apódose, correspondendo a 52,7% do total; destas, 31 foram com a forma de FP, o que corresponde a 63,2 %. Este tipo de ambiente sintático-semântico é recorrente no uso da forma FP; também conforme podemos observar na Tabela 3, agrega maior número de ocorrências de IMP e de formas perifrásticas. De IMP, das 10 ocorrências, 4; e das perífrases, das 18 ocorrências, 14 referem-se a este arranjo.

Em ambiente com oração independente/condição implícita houve 29 ocorrências, das quais 25 com a variante FP (86,2%).

No caso de oração encaixada com prótase co-ocorrente só houve 12 ocorrências no *corpus*, com o FP correspondendo a 50% do total.

As construções de passado condicional com período hipotético na ordem apódose + prótase ocorreram categoricamente com a forma canônica, FP, confirmando a nossa hipótese de que a ordem inversa favoreceria o uso desta variante; este resultado corrobora os obtidos por Costa (2003), Barbosa (2005) e Dias (2007) em seus estudos.

Concluimos, portanto, que, na expressão do passado condicional, a forma de FP é mais produtiva em todos os tipos de ambiente sintático-semântico controlados. Dentre estes, os mais produtivos para o uso de tal forma verbal com valor de passado condicional são o ambiente sintático-semântico período hipotético em ordem inversa (apódose + prótase) e com oração independente (prótase implícita), sendo as outras variantes pouco produtivas neste último contexto. O fato de as formas não-canônicas serem pouco produtivas em ocorrências em que a prótase está implícita ou quando o período hipotético está na ordem inversa (apódose + prótase) pode estar relacionado à conservação do valor de condicionalidade no contexto: a marca de futuro do pretérito é utilizada para assegurar o valor condicional, uma vez que esta é a forma prototípica no português para expressar o valor de modalidade *irrealis*. No caso das formas não-canônicas, constatamos que IMP é produtivo em ambiente sintático-semântico de oração encaixada com prótase co-ocorrente e as perífrases o são em período hipotético na ordem canônica (prótase + apódose).

3.3. Tipo semântico-cognitivo do verbo

O tipo semântico-cognitivo do verbo tem se mostrado influente em fenômenos que são associados à atuação da marcação e iconicidade, como pontuam Tavares & Freitag (2010), sendo, assim, pertinente testar a influência deste fator na expressão do passado condicional, já que, como vimos, nas línguas românicas, especificamente no espanhol (LACA, 2010), o passado condicional está atrelado a verbos de desejo e *dicendi*. O controle deste fator considera quatro tipos: *estado*, *atividade*, *modalidade* e *cognição*.

TABELA 4
Influência do tipo semântico-cognitivo do verbo na variação da expressão do passado condicional

Ambiente semântico-cognitivo	Formas		FP		IMP		Perifrásticas		Total	
	Aplic./total	%	Aplic./total	%	Aplic./total	%	Aplic./total	%	N	%
Atividade	36/55	65,5	6/55	10,6	13/55	23,6	55	59,1		
Estado	14/18	77,8	4/18	22,2	0/18	-	18	19,4		
Modalidade	6/8	75,0	0/8	-	2/8	25,0	8	8,6		
Cognição	9/12	75,0	0/12	-	3/12	25,0	12	12,9		
Total	65/93	69,8	10/93	10,8	18/93	19,4	93	100		

Quando o passado condicional ocorre associado a verbos de atividade, a variante mais recorrente é o FP, com 65,5% das ocorrências. As ocorrências das formas perifrásticas expressando passado condicional são mais frequentes com verbos de atividade: das 18 ocorrências, 13 apresentam este traço semântico, ocorrendo o mesmo com IMP: das 10 ocorrências 6 são com este tipo de verbo. Verbos de estado estão associados ao FP, com 77,8 % das ocorrências. Nenhuma das ocorrências de formas perifrásticas no *corpus* foi associada a verbos de estado, possivelmente porque as perífrases carregam valor de movimento e deslocamento por conta do auxiliar *ir*, barrando o valor estativo. O comportamento do passado condicional com verbos de cognição e de modalidade é o mesmo do de estado e atividade: a forma de FP é também mais frequente, com 75%, em ambos os casos. Não há nenhuma ocorrência de IMP com verbo de modalidade na amostra analisada.

Os resultados obtidos apontam que na expressão do passado condicional a forma de FP no *corpus* analisado é mais produtiva em todos os tipos de verbos controlados; já a forma IMP é produtiva em verbos de atividade e estado; e as perifrásticas, em verbos de atividade, cognição e modalidade, sendo barradas por verbos de estado. Tal resultado aponta para uma tendência de especialização de uso das formas em contextos específicos, um dos indícios de gramaticalização de usos.

3.5. Tipo de sequência discursiva

O tipo de sequência discursiva é outro fator que tem se mostrado influente nos fenômenos de gramaticalização e variação. Nesta análise, controlamos três tipos de sequências discursivas: narrativa, opinativa e explicativa.

Freitag *et al.* (2009, p. 5) definem sequência narrativa como

um trecho constituído por relatos verbais (predominantemente) de fatos, acontecimentos ocorridos no passado e que podem se prolongar por um determinado tempo, em que aparecem ambientes, pessoas e uma sucessão temporal, ou seja, ocorre uma evolução no tempo, não há estaticidade.

Uma sequência discursiva opinativa é caracterizada por focalizar o ponto de vista de alguém em relação a algo, ou seja, o posicionamento que o locutor tem em face de determinadas situações, como de evidenciar um ponto de vista de alguém em relação a algo sem que seja necessário convencer o outro da veracidade de seus argumentos.

Já a sequência discursiva explicativa é caracterizada por apresentar uma informação sobre um determinado assunto considerada nova para o interlocutor, com o objetivo transmitir um conhecimento a alguém que não o possuía, sem deixar marcas avaliativas sobre o fato, uma vez que o intuito deste tipo de sequência é apresentar apenas uma informação.

As características de cada tipo de sequência discursiva podem influenciar na distribuição das variantes na expressão do passado condicional. A nossa hipótese é de que o uso do FP ocorre preferencialmente em textos opinativos e explicativos, bem como as formas perifrásticas.

TABELA 5

Influência do tipo de sequência discursiva na variação da expressão do passado condicional

Tipo de sequência discursiva	Formas	FP		IMP		Perifrásticas		Total	
		Aplic./total	%	Aplic./total	%	Aplic./total	%	N	%
Narrativa		0/9	-	7/9	77,8	2/9	22,2	9	9,7
Opinativa		34/45	75,5	3/45	6,7	8/45	17,8	45	48,4
Explicativa		31/39	79,5	0/39	-	8/39	20,5	39	41,9
Total		65/93	69,8	10/93	10,8	18/93	19,4	93	100

A distribuição das formas variantes quanto aos tipos de sequências discursivas confirma as hipóteses aventadas: os contextos opinativos e explicativos são mais produtivos para o uso do FP: em 45 ocorrências de contextos opinativos, 34 (75,6%) correspondem ao FP, e 31 das 39 ocorrências de contextos explicativos (79,5%). Os resultados confirmam também a hipótese de que as formas perifrásticas são mais produtivas em contextos opinativos e explicativos: estas se distribuem igualmente nestes tipos de sequências (8 ocorrências cada). Nas sequências narrativas, a variante mais recorrente foi IMP, com 7 das 9 ocorrências (77,8%); as outras duas ocorrências referem-se às formas perifrásticas. Na amostra analisada não houve ocorrência do FP em sequências narrativas, aproximando-se dos resultados obtidos por Costa (2003). Uma justificativa para que o FP seja pouco produtivo neste contexto é o fato de as sequências narrativas serem um ambiente pouco propício às condições, diferentemente das sequências opinativas e explicativas. Estes resultados evidenciam a correlação entre forma de expressão do passado condicional e tipo de sequência discursiva (FP > contextos opinativos e explicativos, e IMP > contextos narrativos) e são mais um indício da gramaticalização do passado condicional no português falado no Brasil.

4. Gramaticalização do passado condicional no português

Os resultados obtidos na análise variacionista apontam motivações para o uso do FP e suas variantes na expressão do passado condicional, indicando um processo de gramaticalização, com a especialização de formas em funções específicas. O Quadro 2 – construído a partir dos resultados quantitativos mais altos obtidos nas categorias controladas – sumariza as tendências de uso das variantes com base nos resultados quantitativos da expressão do passado condicional na fala de Itabaiana/SE.

QUADRO 2
Tendências de uso do FP e das formas inovadoras
na expressão do passado condicional

	FP	IMP	Formas perifrásticas
Paralelismo	Ocorrência precedida de FP	Ocorrência precedida de IMP	Ocorrência precedida de IA+V ou IRIA+V
Ambiente sintático-semântico	Oração na ordem inversa	Oração encaixada com prótase co-ocorrente	Oração na ordem canônica
Tipo semântico-cognitivo do verbo	Estado	Estado	Modalidade e cognição
Sequência discursiva	Explicativa	Narrativa	Narrativa

Os resultados obtidos na amostra de fala de universitários de Itabaiana/SE apontam para a existência de arranjos linguísticos específicos que possibilitam a variação entre as formas de expressão do passado condicional no português falado no Brasil. Os resultados obtidos nesta amostra corroboram os resultados obtidos por Costa (2003), Barbosa (2005) e Dias (2007) no que concerne à possibilidade variação entre as formas e o arranjo de contextos linguísticos. A convergência de arranjos linguísticos e a recorrência de formas de expressão do passado condicional em amostras de variedades e perfis sociais distintos sugere que os fatores sociais sejam pouco atuantes neste processo. Podemos interpretar a confluência de resultados como uma tendência de

especialização de formas em certos contextos de uso, indiciando um processo (ainda incipiente) de gramaticalização no domínio do passado condicional. Tal tendência reforça a tese do ciclo do futuro nas línguas românicas de Fleischman (1982), porém com ênfase no valor das funções, e não nas formas.

Referências

- BARBOSA, T. A. M. *A variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por “SE” na fala uberlandense*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.
- CÂMARA Jr., J. M. *A forma verbal portuguesa em –ria*. Washington D. C., 1967
- CÂMARA Jr., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CAMARA, T. M. N. L. Alternância do uso do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito no discurso oral. *Augustus*, v. 7, n. 15, p. 83-88, 2002.
- COAN, M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais que) perfeito*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- CORÔA, Maria Luzia. *O tempo dos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola, 2005.
- COSTA, A. L. *A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- COSTA, A. L. *O futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: um estudo diacrônico*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DE MULDER, W. Mood in French. *In*: ROTHSTEIN, B.; THIEROFF, R. (Eds.). *Mood in the languages of Europe*. Amsterdam/New York: John Benjamins, 2010, p. 157-178.

DIAS, F. M. P. C. *Variação e funcionalidade modo-temporal no português oral de Fortaleza/CE: futuro do pretérito versus pretérito imperfeito na codificação de eventualidade em construções condicionais*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

FERREIRA, M. B. *Cláusulas condicionais: uma abordagem funcional-discursiva*. 2007. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

FLEISCHMAN, S. *The future in thought and language: diachronic evidence from romance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FONSECA, A. M. H. *A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UNESP, São José do Rio Preto, 2010.

FREITAG, R. M. K. *A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FREITAG, R. M. K. *et al.* O controle do gênero textual/sequências discursivas na motivação da variação linguística: apontamentos metodológicos. *Odisseia*, n. 3, p. 1-15, 2009.

GIBBON, A. O. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

KARAM, L. *A variação entre o futuro do pretérito, o imperfeito e a perífrase com o verbo ir na fala do RS*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LACA, B. Mood in Spanish. *In*: ROTHSTEIN, B.; THIEROFF, R. (eds.).

Mood in the languages of Europe. Amsterdam/New York: John Benjamins, 2010, p. 198-220.

MARINE, T. C.; BARBOSA, J. B. Gostava que fizessem este exercício – gostava ou gostaria? *Estudos linguísticos*, v. 37, n. 1, p. 193-202, 2008.

NARO, A. J.; BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, n.9, p.125-134, 2001.

NEVES, M. H. M. As construções condicionais. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 497-544.

OLIVEIRA, J. M. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje*: variação e mudança. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

QUER, J. Mood in Catalan. In: ROTHSTEIN, B.; THIEROFF, R. (eds.). *Mood in the languages of Europe*. Amsterdam/New York: John Benjamins, 2010, p. 221-236.

REBELLO, A. L. P. Futuro do pretérito ou pretérito imperfeito? A abordagem das gramáticas e manuais de PBE. In: *Caderno do Congresso Nacional de Linguística e Filologia (CNLF)*: Ensino de Língua Portuguesa, IX-09, Rio de Janeiro, 2005.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X*: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto/Department of Mathematics, University of Ottawa, 2005.

SILVA, T. S. *A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na fala de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

SQUARTINI, M. Mood in Italian. In: ROTHSTEIN, B.; THIEROFF, R. (eds.). *Mood in the languages of Europe*. Amsterdam/New York: John Benjamins, 2010, p. 237-250.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de e, aí, daí e então*: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. K. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. *Linguística*, v. 6, p. 103-119, 2010.

TRAVAGLIA, L. C. O uso do futuro do pretérito no português falado. *In: NEVES, M. H. de M. (Org). Gramática do português falado*. vol. VII: novos estudos. Campinas/São Paulo: Unicamp, 1999. p. 673-697.

Recebido para publicação em 30 de agosto de 2011.
Aprovado em 15 de novembro de 2011.